

## A FESTA DOS PAPANGUS NA COMUNIDADE DO CUMBE/BEBERIBE-CE: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CONCEITO DE DRAMA SOCIAL E ESTÉTICO.

Pedro Pereira Do Nascimento<sup>1</sup>  
Alexandre Dos Santos Rocha<sup>2</sup>  
Bruno Goulart Machado Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

Os papangus fazem parte dos roteiros brincantes do município de Beberibe, litoral leste do estado do Ceará, apresentando nesse contexto eventos que marcam o feriado da Semana Santa. Os papangus são pessoas que se vestem com trajes diversos, usam máscaras e saem às ruas no período da Semana Santa. Eventos com brincantes mascarados vão fazer parte também dos roteiros culturais nordestinos, os reisados de coro na região do Cariri cearense, os papangus de Bezerros em Pernambuco. Os papangus de Beberibe, junto a esse contexto, traz para além das datas carnavalescas onde na maioria das vezes acontecem os festejos brincantes citados, festas que montam um cenário do evento distribuído pelo município, e um desses eventos vai ser nosso recorte, a festa na comunidade do Cumbe. Este trabalho é mais uma lacuna de uma pesquisa desenvolvida desde 2018, em que estudamos a cultura dos papangus em Beberibe-Ce, analisando roteiros e performances. O objetivo geral deste trabalho é compreender as performances e roteiros da festa dos papangus no Cumbe-Beberibe-CE e como elas dialogam com o feriado cristão da Semana Santa. Os objetivos específicos se baseiam primeiramente na compreensão da ligação entre as festas populares e eventos religiosos, a compreensão das performances dos papangus e dos roteiros desenvolvidos durante a festa. O método utilizado foi o qualitativo, com a inserção dentro da festa em 2023, principalmente para observação dos roteiros que compõem o evento, dando prioridade a ação da experiência como forma de análise dos estudos das performances, levando em conta também uma pesquisa bibliográfica, tendo como referência o conceito de drama social e estético.

**Palavras-chave:** Drama social e estético; Papangus; Cumbe.

---

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, IH, Discente, pereirapedro99.n@gmail.com<sup>1</sup>  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, IH, Discente, alesantos58@hotmail.com<sup>2</sup>  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, IH, Docente, brunogoulart@unilab.edu.br<sup>3</sup>



## INTRODUÇÃO

A história da cultura popular esteve entrelaçada muitas vezes com práticas religiosas e rituais que conectam crenças cosmológicas com eventos do dia a dia. Um exemplo disso são as Saturnálias em Roma, onde Saturno era venerado como o deus da fertilidade. Além disso, na Idade Média, havia festas de fertilidade, festas dos Caretos em Portugal, que continuam a marcar as colheitas de uvas até hoje. Muitas dessas festas tinham um caráter sagrado, porém eram frequentemente acompanhadas por momentos festivos, populares e permissivos, que contribuíam para a criação de performances culturais.

No Brasil, muitas festas populares também têm raízes em tradições religiosas, principalmente no Cristianismo e na fusão de religiões afro-indígenas. Um exemplo notável disso é o Carnaval, que precede a quaresma, e o Reisado, uma celebração que ocorre em todo o país. Esses eventos levam para as ruas figuras, símbolos e práticas culturais que muitas vezes envolvem paródias, risos e elementos grotescos.

Os eventos populares, como os mencionados acima, juntamente com as festas dos papangus, que são o foco da nossa pesquisa, frequentemente são associados a uma forma de "teatro popular". Como coloca por Borralho (2010), no Brasil, essas manifestações estão ligadas a eventos cristãos e podem ser divididas em duas temporalidades: o "Ciclo Pascal", que começa na quaresma e se estende até a Semana Santa, e o "Ciclo Pentecostal", "as festas deste ciclo que celebra a descida do Espírito Santo espalham-se pelo Brasil afora contendo cada uma delas características muito próprias" (BORRALHO, 2010, p. 174).

Neste trabalho, exploraremos uma festa que ocorre durante o período da Semana Santa, mais especificamente em sua extensão. Enquanto religiosamente a Semana Santa começa em um domingo e termina no domingo de Páscoa, a festa dos Papangus do Cumbe ocorre na segunda-feira, sendo uma extensão do feriado. Ela é promovida por um calendário popular que inicia a celebração da Semana Santa na Sexta-Feira Santa e continua até a festa do Cumbe. Utilizando como conceitos para análise deste trabalho o conceito de drama social e estético.

Com o objetivo geral de compreender as performances e roteiros da festa dos papangus no Cumbe-Beberibe-CE e como elas dialogam com o feriado cristão da Semana Santa. Os objetivos específicos se baseiam primeiramente na compreensão da ligação entre as festas populares e eventos religiosos, a compreensão das performances dos papangus e dos roteiros desenvolvidos durante a festa.

## METODOLOGIA

O método utilizado foi o qualitativo, com a inserção dentro de campo, participando da festa, principalmente para observação dos roteiros que compõem o evento, dando prioridade a ação da experiência como forma de análise dos estudos das performances, levando em conta também uma pesquisa bibliográfica, usando como referência o conceito de "drama social" de Turner (2015). Turner, dentro de todo esse contexto, pensando a antropologia da performance, destaca a importância da experiência, e cita que sua formação positivista e durkheimiana na análise dos fatos sociais, onde "contar a quantidade de pessoas envolvidas, identificar seus papéis sociais e status, descrever seu comportamento, coletar, de outras pessoas, informações biográficas sobre elas e situá-las estruturalmente no sistema social da comunidade em que o drama social se dera" (TURNER, 2015, p.14) não era o bastante para o entendimento das performances, fazendo com que Turner recorresse a Wilhelm Dilthey, e sua importância a ideia da experiência como forma de compreender as relações sociais e as performances.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO



A aplicação do conceito de "drama social" de Turner nesta abordagem, embora introduza uma perspectiva de generalização com base nas fases de crise, ruptura, ação reparadora e reintegração ou separação, proporciona um recurso pedagógico valioso para analisar detalhadamente os roteiros e as práticas no contexto das performances. Em um sentido estético do drama social Schechner traz em sua discussão a utilização desse conceito de Turner:

Quais são as diferenças entre dramas sociais e estéticos? Dramas estéticos criam tempos simbólicos, espaços e personagens; os caminhos da história são predeterminados pelo drama. Os dramas estéticos são ficções. Os dramas sociais têm mais variáveis, seus resultados são mais duvidosos e eles são como jogos. Os dramas sociais são "reais", eles acontecem no "aqui e agora". Mas aspectos de dramas sociais, tais como dramas estéticos, são pré-organizados e ensaiados. A celebração em Kurumugl situava-se em algum lugar entre um drama social e um drama estético (SCHECHNER, 2012, p. 80).

Neste mesmo contexto, nossa proposta é abordar a festa dos Papangus sob a perspectiva do drama social e estético, estabelecendo um diálogo entre o roteiro religioso da Semana Santa e o roteiro secular das festividades. É importante ressaltar que a diferenciação entre dramas sociais e estéticos, conforme explorada por Schechner, não implica em uma polarização absoluta entre os dois. Como exemplificado em seu trabalho com os Kurumugl, encontramos celebrações que incorporam um roteiro de conflito, combinando diferentes etapas para construir um drama social enquanto mantêm um caráter festivo.

Entrando no que Turner (2015) vem tratando acerca desse conceito. A introdução dentro do campo de pesquisa, que contempla os sentidos e os símbolos, é parte essencial, já que, como escreve Turner (2015):

Cada cultura, cada pessoa que a ela pertence, usa o repertório sensorial completo para transmitir mensagens, tanto no nível individual - gesticulações manuais, expressões faciais, posturas de corpo, respiração rápida, pesada ou leve, lágrimas - quanto no nível cultural - gestos estilizados, passos de dança, silêncios prescritos, movimentos sincronizados, tais como marchar, as brincadeiras e os lances de jogos, esportes e rituais (TURNER 2015, p. 10).

Os símbolos e signos distintos em cada cultura faz com que cada grupo social possua uma dinâmica diferente, particular, o que Turner vem a chamar de um "drama social", conceito que ele propõe a partir de todo um roteiro biográfico onde o teatro esteve ligado às suas vivências. Fazendo com que ele olhasse as dinâmicas sociais a partir da formatação de um drama, onde a vida social, segundo Turner, teria um potencial teatral.

Para a compreensão do drama social e sua associação com o estético pensamos o carnaval como exemplo, bem parcial, mas para fins de entendimento. O drama social é marcado por etapas, a primeira etapa é o conflito, utilizando nosso exemplo poderíamos pensar essa etapa, a situação conflitante do carnaval é a contraposição das vontades carnavais contra as ações de penitência e sacralização do corpo, o carnaval seria uma ruptura drástica com os valores cristãos, festas, bebidas, sexo etc., a ação reparadora seria a quaresma, período de abdição dos valores carnavais em um regime de jejum que proporciona um processo de reintegração da ordem social.

As festas e seus sentidos estéticos não são apartados dos sentidos sociais, corroborando com o que Schechner vai colocar, que o drama social influencia o estético a assim vir-se-versa, fazendo com que haja um diálogo entre essas duas esferas, que se apresentam na construção de sentidos, significados, personagens, temporalidades símbolos e eficácias.

Pensaremos agora o roteiro da festa dos papangus no Cumbe-Beberibe-CE. O primeiro momento é marcado pela interação dos brincantes que se reúnem em volta de sons automotivos, os chamados paredões de som. Esses brincantes são de várias localidades do município de Beberibe, principalmente os brincantes de todo o distrito de Sucatinga-Beberibe-CE e da comunidade de Caetanos.



Os brincantes ficam em volta dos paredões de som, que toca principalmente funk e forró, ficam bebendo e dançando, ficam brincando com quem está observando e andando pela festa de um lado para o outro, os brincantes que se conhecem fazem brincadeiras entre si. Esse encontro entre os brincantes é a primeira parte do roteiro da festa, o momento em que os elementos do grotesco, a máscara, as bebidas alcoólicas e a praça pública estão presentes, é um momento permissivo do brincante atuar no anonimato, permitido pelo status de brincante, de participe de um ritual em que as atuações variantes dos brincantes caminham em um entendimento horizontal, que inclui quem brinca e quem assiste.

A segunda parte do roteiro é a queima do Judas, esse o principal momento da ligação entre o evento secular com o religioso, é a promoção da paródia, brincar com o que é sério, com o que é temível, ação essa que novamente traz os elementos do riso, do grotesco, parodiando eventos sagrados e os transformando em roteiros brincantes. Nesse contexto temos um drama social e estético posto, os roteiros incorporam em sua composição símbolos, máscaras e trajes, que fazem os brincantes entrarem em um ritual teatral em que mudasse seus status, saindo de uma figura oficial, rosto e corpo conhecido, para performar no anonimato, rompendo com uma estrutura ordinária em uma ação de parada, parada para festa e todos os atributos que elas possuem, bebidas, músicas, danças e brincadeiras. Junto a isso incorporando em seus roteiros associações com outro ritual sagrado pelo Cristianismo, a Semana Santa, brincando com os seus símbolos e seus roteiros, tornando esse ritual conexo com um sentido estético e crítico às realidades sociais ordinárias.

Por volta de de 21 horas começaram a queima do Judas, parodiando o evento da Semana Santa, que tem a crucificação de Jesus como um dos roteiros simbólicos, no caso da festa dos papangus é queimado e chicoteado um boneco simbolizando Judas, ele é preso em uma estaca de madeira e é exposto a chicotadas, no momento da queima brincantes abrem um espaço no meio da festa e observam alguns papangus com chicotes despedaçar os boneco pegando fogo, muitos deles saem correndo com o pedaço do boneco esquartejado e pegando fogo, quando o Judas cai no chão recebe chutes e pauladas.

Além da paródia vemos como o sagrado e o secular andam juntos um do outro, não em uma batalha dicotômica, na queima do Judas há a caracterização simbólica dos personagens, Judas é visto como um traidor e merecedor de todas ações promovidas há ele pelos brincantes.

Mesmo que as pessoas estejam caracterizadas com máscaras de diabos, lobos, bruxas, piratas, palhaços e etc., personagens tão adversos a um ambiente sagrado cristão, fazem valer a ligação entre o secular e o sagrado nos seus ritos, mas em um âmbito da cultura popular, nas festas, em meio às bebidas alcoólicas, brincadeiras e paródias.

## CONCLUSÕES

Esse trabalho traz como objeto a festa dos papangus na comunidade do Cumbe em Beberibe-CE, um recorte promovido pela importância do evento em reunir brincantes de todo município. Tratar essa festa a partir do conceito de Turner de “drama social” e estético é trazer para o debate a riqueza de símbolos e significados que essa festa apresenta.

A produção de ritos, a fase de separação do mundo oficial com a introdução da máscara e o traje no corpo, a ação de performar no campo do anonimato e a adoção do status de papangu que é permissivo e entendido de uma forma horizontal por quem brinca e que assiste, e a adoção de roteiros que promovem a ligação entre o âmbito sagrado e o secular, mesmo que essa ligação seja zombar dos símbolos, faz com que a busca dos nossos objetivos neste trabalho caminhe por alguns aspectos, como performance, cultura popular, ritos e símbolos.



O segundo ponto são os papangus, atores desses roteiros, que representam figuras adversas aos símbolos cristãos, são diabos, lobos, piratas, palhaços etc., que ao entrarem na construção dessa figura tomam para si a simbologia da máscara e suas significâncias e permissividades, entrando numa espécie de ritual teatralizado com sentidos estéticos.

O último ponto são os roteiros da festa, desde o momento da compra das bebidas alcoólicas, da socialização com os outros brincantes com danças, abraços e apertos de mãos até a queima do Judas. A festa é elemento do ritual, momento agregador em que o papangu goza do seu status de “casta privilegiada” como escreve Lourenço (2012).

A queima do Judas, neste caso, viemos trazendo como um dos momentos de maior conexão do secular com o sagrado, já que é a criação de uma paródia do evento da crucificação de Jesus, e mesmo o momento sendo tratado em um espírito brincante, feitos por bruxas, diabos, piratas lobos e etc., usa do roteiro cristão para posicionar Judas, que é queimado e chicoteado, como figura traidora, trazendo para o brincante do papangu a motivação de promover todas ações de queimar, chicotear, chutar e dar pauladas a um momento válido e justificável, tanto pela brincadeira quando pelos sentidos rituais que unem o âmbito secular e sagrado cristão.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos os brincantes e organizadores das festas e roteiros que compõem os festejos dos Papangus em Beberibe.

## **REFERÊNCIAS**

- BORRALHO, T. As Máscaras nas Manifestações Teatrais Populares Brasileiras. in BELTRAME, Valmor Níni; ANDRADE, Milton de. Teatro de máscaras. Florianópolis: UDESC, 2011. p. 167-188.
- LOURENÇO, F. O pré-teatro e a função da máscara: O fogo brincante dos Papangus. ILINX-Revista do LUME, v. 1, n. 1, p. 48-54, 2012.
- SCHECHNER, R. Performance e antropologia de Richard Schechner. Mauad Editora Ltda, 2012.
- TURNER, V. Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.